

ENTRE O SIMBÓLICO E O IMPOSSÍVEL: A CARTOGRAFIA DOS QUATRO FUNDAMENTOS EM LACAN

Bárbara Valentim Gameiro Santana
Jordana Caroline dos Santos Ferreira
Leonardo do Nascimento Elvira
Angelo Luiz Ferro¹

Resumo

O inconsciente, para Lacan, é estruturado como uma linguagem. Isso significa que muito nossa organização psíquica se dá, também, pela estruturação da linguagem que é uma soma de signos, significados e significantes que aprendemos desde a infância. Diante dessa proposição, este trabalho objetiva apresentar a contribuição da teoria de Jacques Lacan para a psicanálise. A partir de uma revisão bibliográfica, o texto analisa como os principais conceitos desenvolvidos por Lacan — inconsciente, repetição, transferência e pulsão — auxiliam a compreender melhor o funcionamento da psique humana e a prática clínica na atualidade. Assim, muitas vezes não sabemos exatamente por que agimos de determinada forma, pois parte do que nos move está ausente da instância da consciência. Lacan propõe, no Seminário 11, quatro conceitos fundamentais na psicanálise, a saber, inconsciente, repetição, transferência e a pulsão. A repetição, de acordo com o autor, acontece quando voltamos a viver, sem perceber, situações parecidas com experiências antigas. Mesmo que tentemos mudar, acabamos repetindo alguns padrões. Lacan mostra que isso está ligado a algo que não conseguimos expressar com palavras, mas que insiste em retornar. Essa repetição nos ajuda a constatar o que ainda precisa ser elaborado. No que toca a transferência, compreendemos que é o vínculo que o paciente cria com o analista durante o tratamento. Lacan explica que, nesse processo, o paciente acredita que o analista sabe algo a mais sobre seu sofrimento. Isso cria um espaço de confiança e abertura, essencial para o andamento da análise. Por fim, a pulsão é compreendida como uma força que nos impulsiona, mas que não tem um objeto fixo como o instinto. Ela se organiza em torno de desejos que nem sempre conseguimos nomear. Para Lacan, toda pulsão está ligada ao desejo e também à ideia de que nunca conseguimos satisfazê-la totalmente. Ela é, ao mesmo tempo, uma busca e uma falta. Os quatro conceitos estão interligados e formam a base da teoria lacaniana. O estudo mostra como Lacan atualiza a psicanálise de Freud sem negá-la, mas aprofundando questões importantes para compreender o sujeito moderno. Ao trazer uma nova forma de pensar, Lacan amplia as possibilidades de escuta e tratamento, tornando a psicanálise mais adequada aos desafios da vida contemporânea.

Palavras-chave: Lacan. História da Psicanálise. Sociedade.

¹ Docente do curso de psicologia do Centro Universitário Antonio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente. Graduado e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutorando em Psicologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade de São Paulo (USP); Doutorando em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Coordenador do Grupo de Estudo em Psicanálise e Subjetividade (Gepsi). e-mail angelolferro@gmail.com. Orientador do trabalho.

INTRODUÇÃO

É interessante pensar as limitações, expectativas e outros aspectos da civilização e seus efeitos sobre o corpo na perspectiva da prática da psicanálise lacaniana, valendo-se também dos novos sintomas presentes no século XXI, tendo em vista que a teoria psicanalítica é um campo de conhecimento composto de conceitos, símbolos, termos e fórmulas, podendo-se extrair muito material e extremas aprendizagens.

Assim como o termo psicologia é utilizado no plural, psicologias, por suas diversas abordagens teóricas; a psicanálise também é utilizada no plural: psicanálises. Ou seja, de acordo com Zimerman (1999), primeiramente constituída por Sigmund Freud, mais tarde caminhar em inúmeras direções por outros autores, incluindo Jacques Lacan, Melanie Klein, Donald Winnicott e Wilfred Bion, alguns esses autores desenvolveram novas correntes, expandindo, mudando e acrescentando mais conceitos e fórmulas, resultantes de suas experiências clínicas e reflexões sobre funcionamento do inconsciente; este artigo tratará especificamente sobre os conceitos e fundamentos desenvolvidos por Jacques Lacan.

Conforme Jacques Lacan (2008), se depara com a afirmação de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, seguindo essa lógica, faz-se importante postular que a análise psicanalítica é estruturada pela linguagem e é, como a ciência, uma fabricação usada para causar o reconhecimento de um objeto, através do uso da escrita, de imagens, conceitos e fórmulas.

A psicanálise lacaniana é sempre parte do âmbito social, mas não é o mesmo que sociedade, tendo em vista que a sociedade é percebida como fragmentada ou pluralizada em muitos contextos sociais, a unicidade da sociedade é desvalorizada pelo próprio conceito de laço social, o que a divide em muitos conceitos, de modo que “A neurose depende das relações sociais.” (Lacan, 1977 *apud* Harari, 2008, p. 3).

Segundo Kant (1781/2007) argumenta, é impossível compreender o que denomina-se *númeno* (o que significa “a coisa em si”) ao desenvolver a filosofia do conhecimento, mas apenas o que esse *númeno* exhibe, ou melhor, sua fenomenologia; portanto, a linguagem seria a melhor maneira de tentar entender isso que fora conceituado por Kant por *coisa em si*, proposta que difere da psicanálise de Lacan, que reconhece que não haveria nada em si, mas sim a integração e harmonização dos três registros, os quais são: Real, Simbólico e Imaginário; ao contrário de Kant, que

acreditava a *coisa em si* existia independentemente da linguagem, ou seja, para Lacan a *coisa em si* é as sobras da operação da linguagem, nas sobras ela se constitui em alguma coisa real; conclui-se que, na psicanálise, o objetivo é demonstrar e aplicar o Real ao invés de conhecê-lo unicamente.

No presente estudo foi realizado um estudo de cunho qualitativo, com elaboração de revisão bibliográfica, tendo como meios de fundamentação teórica revistas acadêmicas e científicas, assim como artigos científicos e livros, disponíveis online e também em versões impressas, reunindo e comparando os diferentes dados encontrados nas fontes que foram consultadas e listando os principais fatores que descrevem a psicanálise conforme Lacan, considerando os pontos mais essenciais.

NO INÍCIO, NÃO ESTAVA O CAOS

De acordo com Melo e Almeida (2020), um médico da cidade de Viena no século XIX levantou questões que alterariam fundamentalmente a forma como os médicos pensavam sobre as doenças mentais, período em que a atenção estava voltada para a histeria, fato ocorrido em toda a Europa e grande parte dos médicos queriam saber mais sobre ela, um deles foi Charcot, um dos responsáveis por apagar da história as características demoníacas e possessivas que lhe foram atribuídas em épocas anteriores à histeria. No entanto, foi com os estudos do jovem Sigmund Freud que a sociedade em Viena foi capaz de testemunhar algo verdadeiramente inovador, uma teoria sobre sexualidade que alterou para sempre a visão sobre o sujeito. De acordo com Zimmerman (1999), Freud investigou o registro histórico e desenvolveu toda a fundamentação teórica da psicanálise a partir desses estudos, propondo uma escuta diferente a seus pacientes, passando então a escutar os relatos dos sintomas também, não unicamente o lado orgânico.

O texto *Estudos sobre histeria* (1893-1895/1996), foi uma obra em que Freud trabalhou em conjunto com Breuer, para os princípios da criação da técnica terapêutica psicanalítica. Um dos recursos terapêuticos utilizados nessa época foi a hipnose. Charcot foi responsável por introduzir a histeria no meio científico, pois os médicos não levavam em consideração essa enfermidade, pois não haviam explicações fisiológicas sobre as origens de seus sintomas. A hipnose era um fenômeno no qual havia uma sugestão para que o sujeito lembrasse no campo do consciente e melhorasse dos sintomas. Essa reação

de melhoria dos sintomas, chamava-se de ab-reação, ou seja, o sujeito conseguiria ab-reagir os afetos traumáticos presentes na constituição do trauma. “Durante a hipnose, convido-a a falar, conseguindo-o depois de leve esforço. Fala em voz baixa e reflete um pouco antes de cada resposta. Sua expressão muda de acordo com o conteúdo do relato, serenando-se quando ponho fim, por sugestão, à impressão que o mesmo lhe causa (Freud, 1924/1996, p. 39).”

Fazendo isso, Freud observou que tudo que era ordenado ao paciente durante a hipnose, posteriormente aparecia como fora do campo da consciência, ou seja, o paciente não sabia qual a ordem que foi dada, concebeu um “lugar”, onde as ordens ficavam ativas e operante de forma inconsciente. O método da hipnose auxiliava no esquecimento dos eventos traumáticos, mas também outras lembranças que o paciente não deveria esquecer, fazendo-o considerar que estava perdendo a memória, pois não lembrava de acontecimentos importantes de sua vida.

Na carta 69 à Fliess, de 21/09/1897, Freud escreve que

Permite-me que te confie sem maiores delongas o grande segredo que no curso dos últimos meses se me foi revelando paulatinamente: já não acredito na minha Neurotica. [...] O primeiro grupo de motivos de minha atual incredulidade é formado pelos contínuos fracassos em conduzir minhas análises a uma verdadeira conclusão [...]; em segundo lugar, a assombrosa circunstância de que todos os casos obrigavam a atribuir atos perversos ao pai; [...] em terceiro, a inegável comprovação de que no inconsciente não existe um "signo de realidade", de modo que é impossível distinguir uma verdade de uma ficção afetivamente carregada [...]; em quarto, a consideração de que nem mesmo nas psicoses mais profundas chega a irromper a recordação inconsciente, de modo que o segredo das vivências infantis não se traduz sequer no mais confuso estado delirante? (Masson, 1986, p. 265)

A histeria ocupa lugar na preocupação social enquanto adoecimento psíquico no final do século XIX e início do século XX, no qual a paciente chegou com alguns sintomas conversivos e a queixa principal de sintomas de uma anorexia nervosa, o caso mais famoso foi o de Anna O., foi um marco importantíssimo na constituição da Psicanálise. Assim, nasce de maneira consistente uma teoria que se propunha, inclusive, em explicar a histeria, um adoecimento psíquico com sintomas muito particulares e que exigia uma sistematização de estudos para a compreensão de sua etiologia (Freud, 1893-1895/1996).

Na contemporaneidade, a histeria também se apresenta através de alguns adoecimentos, por exemplo, os transtornos dos sintomas somáticos e outras doenças psicossomáticas, no qual não existe causas orgânicas, observáveis e transitórias. (American Psychiatric Association, 2023)

Houve contestações que distanciou Freud de Breuer, e Freud desenvolve o método psicanalítico de tratamento. Nos seus atendimentos, Freud sempre contestava que as vivências traumáticas nos casos de histeria, estavam ligados direto ou indiretamente em conteúdos traumáticos. Para Freud, não lembramos de algo porque o conteúdo do que fora recalcado vai causar sofrimento psíquico intenso, assim, nosso psiquismo atua para afastar o desprazer do sujeito. O processo envolvido no recalque não será só afastamento do que fora traumático, mas a força da repressão que impedirá que o conteúdo volte para a consciência do sujeito. Nesse momento, portanto, acontece uma modificação na teoria psicanalítica. Segundo Zimmerman (1999), a teoria do trauma cede lugar para a teoria da fantasia, os métodos como a hipnose, a ab-reação e o método catártico sofrem uma reviravolta, e propõe-se a primeira tópica do aparelho psíquico, o qual propõe a existência do inconsciente, consciente e pré-consciente.

Assim surge o método que conhecemos como *associação livre*, no qual o analista vai ser um instrumento de escuta do paciente, que vai falar tudo o que vier à sua cabeça. Assim, associação livre – paciente – e atenção flutuante - analista – tornam-se as regras de ouro da psicanálise.

E DÁ-SE A ORIGEM AO NOVO

Foi então a partir do livro *Interpretação de Sonhos* (1900), de Freud, que a psicanálise se desenvolveu ainda mais, os estudos principiantes dele tenham sido em sua área de formação, ou seja, medicina; enquanto os demais médicos da época não respeitavam os distúrbios nervosos, pois os aspectos psicológicos não eram considerados científicos, Freud se desenvolvia cada vez mais em seus estudos, o que pode ser dito nas palavras do próprio Freud: "Eles não sabiam o que fazer do fator psíquico e não podiam entendê-lo. Deixavam-no aos filósofos, aos místicos e – aos charlatões: e consideravam não científico ter qualquer coisa a ver com ele" (FREUD, 1924/1996, p. 215).

Conclui-se que, por intermédio desses estudos, que além da consciência outra lógica operava no homem, em que alguns conteúdos permaneciam não revelados ao sujeito: o inconsciente. A Psicanálise considerava tudo de ordem mental como sendo consciente ou inconsciente. O inconsciente é ambivalente, pois o tempo não é linear e contrários coexistem, como o não e o sim. Dessa maneira, o sujeito pode amar e odiar ou querer e não querer ao mesmo tempo, seguindo uma linha dialética. O inconsciente, para Freud, era uma instância psíquica em que o paciente sabe, mas não sabe que sabe. O inconsciente não segue uma lógica linear, mas atemporal e dialético, onde contrários coexistem. O inconsciente é estruturado como linguagem e é a fonte de energia do psiquismo humano. O pré-consciente seria responsável por armazenar as informações que não estão na consciência naquele exato momento, mas podem ser acessadas sempre que necessário. (Abbagnano, 1982, p. 252).

Ademais, Freud desenvolveu outros estudos, os quais se trataram sobre sonhos, constituição do sujeito, primeira tópica do aparelho psíquico, primeira teoria pulsional, estudos sociais e antropológicos, segunda tópica do aparelho psíquico, sendo então, o criador da psicanálise.

Posteriormente, o psiquiatra e psicanalista francês Jacques Lacan é conhecido por realizar o que chamamos de *retorno a Freud*, isso significa que a construção de Lacan segue os rumos deixados por Freud, mudando a direção da teoria e da prática psicanalítica sem sair do campo freudiano. Nas palavras de Lacan, apresentado por Coimbra:

[...] o que eu tento fazer é restituir aos termos freudianos sua função. Do que se trata nestes termos é de uma perturbação dos próprios princípios de questionamento. Dito de outra forma, o que não quer dizer: dizer a mesma coisa – dito de outra forma, o que aí está penhorado é a exigência mínima de passagem a este questionamento renovado. A exigência mínima é esta: Trata-se de fazer psicanalistas. (Coimbra, 2007, p. 32)

Esse fato pode ainda ser evidenciado pelo pensamento de Lacan (2009), ao afirmar que é nítido que a análise psicanalítica opera ao longo de uma linha retroativa, pelo qual o passado, contado através da narrativa atual do paciente, pode ser ressignificado. Segundo Nunes (2015), a proposta de Lacan era clara, renovar seu foco na psicanálise fundamentalmente linguística, em sua primeira etapa de ensino ele

definiu como um significante representa para outro significante. “O significante representa um sujeito segundo Lacan (não um significado), e para um outro significante, o que quer dizer: não para um outro sujeito” (Lacan, 1970/2001, p. 413).

Lacan também priorizou textos freudianos ao longo de seus Seminários e Escritos, incluindo *A interpretação dos sonhos* (1900), *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e *Os chistes e sua relação com inconsciente* (1905); Lacan ainda desenvolveu conceitos como Real, Simbólico e Imaginário e, repetindo, os conceitos fundamentais da psicanálise: Inconsciente, Repetição, Transferência e Pulsão; o resultado desses aspectos foram fazer avançar a teoria sem mudar ou diminuir a psicanálise freudiana, mas também sem resumir ou fazer uma mera repetição do que já foi dito por Freud, por meio de uma leitura crítica, no sentido de acrescentar-lhe um novo significado e formalização; sendo assim, a volta a Freud, ou seja, a herança que este deixou, foi de suma importância para o pensamento lacaniano.

O INCONSCIENTE: UM ARQUIVO SEM ARQUIVISTA

Uma das marcas do retorno, não somente retorno, mas o aperfeiçoamento de Lacan a Freud é a criação de uma estrutura para o inconsciente, estabelecendo uma ideia mais ampla de como se funciona o inconsciente. Há relação entre a singularidade e originalidade do pensamento e da prática psicanalítica e o surgimento do conceito primário psicanalítico, ou seja, o inconsciente. A ideia, conforme Lacan (1964/1985), subjacente à especificidade do objeto da análise psicanalítica é a de inconsciência; não se pode, de forma alguma, desvincular o conceito inconsciente dos efeitos que sua introdução teve na história das ideias, Lacan se referiu a esse efeito como *subversão do sujeito*, dos vários conceitos que esse efeito pode ter, se citará nesse momento três deles:

O primeiro é a retirada de qualquer posição de autonomia do sujeito. Este, por ser um efeito da identificação, não se constitui como unívoco, mas como dividido. Onde Freud afirmar que o “eu não é senhor em sua própria casa”. O segundo é o procedimento psicanalítico para pensar e tratar as questões desse sujeito, que não é uma unidade e é afetado por um inconsciente. Esse procedimento não pode ser situado como um projeto de compreensão e muito menos como um projeto de esclarecimento do sujeito. Para um sujeito afetado pela hipótese do inconsciente, faz-se necessário um novo meio de aproximação, denominado por Freud “interpretação” e considerado por Lacan como a tática do psicanalista. Esse novo meio

visa às falhas do discurso do sujeito, não para corrigi-las, mas para demarcar o que se introduz nessas falhas e que impede de todo modo o esclarecimento. E o terceiro sentido que podemos evocar aqui é o que sustenta a hipótese do inconsciente na interpretação, concebida como modo de ação do analista. Trata-se, portanto, de um discurso que não pode ser reduzido nem a um discurso filosófico – denominado por Lacan de discurso do mestre – nem a um discurso das ciências humanas – que é bastante próximo do que Lacan chama de discurso universitário. (Lacan, 1964/1985, p. 155).

Esses três sentidos de subversão do sujeito não são fruto de uma única ideia fundacional, como Dominique Lecourt (1969), expõe, um conceito só é consistente em relação a outros conceitos e à luz de um problema particular; se o conceito de inconsciência é o que permitiu a Freud abrir um novo campo de ação e pensamento, esse campo só adquire validade quando articulado em relação a outros conceitos.

No sonho, no ato falho, no chiste chama atenção o modo de tropeço pelo qual eles aparecem (...). Ali alguma outra coisa quer se realizar – algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nessa *hiância*, no sentido pleno do termo produzir-se, se apresenta como um achado (...) e, mais ainda, sempre está prestes a escapar de novo, instaurando a dimensão da perda (Lacan, 1964a, p. 29-30).

Essa *hiância* — termo que remete a uma fenda, uma abertura — é o espaço onde o inconsciente se expressa. O que se produz aí não é simplesmente revelado, mas *achado*, no sentido de algo que se descobre por acaso, mas que já estava latente, esperando por uma chance de se mostrar. Essa produção inconsciente carrega uma estranha temporalidade: ela surge no presente, mas está ligada a algo do passado que retorna, e que, ao mesmo tempo, escapa novamente, instaurando a experiência da perda. Essa constante ameaça de desaparecimento confere ao achado uma dimensão fugidia, como se o sujeito nunca pudesse agarrar por completo o sentido do que foi dito ou sonhado. Há uma dimensão de sua experiência que se insinua nos deslizos da linguagem, nos lapsos e nos jogos de palavras — e é justamente aí, nesses momentos de desvio, que algo verdadeiro pode emergir. Porém, essa verdade não é plena, totalizadora. Ela é fragmentária, marcada pela ausência e pela impossibilidade de ser plenamente capturada, o que sustenta o caráter trágico e inacabado do sujeito do inconsciente.

Freud e Lacan, compartilham a perspectiva de que o inconsciente existe dentro

de um sistema dinâmico, sistemático e não como uma localização física; embora cada autor tenha uma compreensão única de como funcionam, ele possui formas, estruturas e conteúdos como qualquer outro sistema; massivamente, para Freud é o local psíquico onde os representantes ideativos recalcitrantes existem; já para Lacan, é um lugar com uma linguagem própria, que emerge da hierarquia dos significados: o grande Outro; esse grande Outro é formado por todos os *outros* que ocuparam posições significativas durante a infância, tornando-o um lugar de alteridade e paralelismo, que definiram o sujeito com suas palavras e seus significantes, com a ideia de Outro como ponto de partida, Lacan sugere que a linguagem é crucial na formação do sujeito porque o sujeito é falado antes mesmo de seu nascimento, mantendo uma posição simbólica antes mesmo do nascimento; Lacan via o inconsciente como um discurso, não como alguém dentro ou fora de outra pessoa, mas como resultado do significante (Quinet, 2012).

SÍSIFO PSICANALÍTICO: A REPETIÇÃO COMO ATEMPORALIDADE DO DESEJO

A repetição, segundo Lacan (2008), pode ser pensada como um passo que leva à atuação e, de modo geral, aparece na análise como uma força que atualiza os constituintes psíquicos, o objeto significa que a repetição é estrutural a própria dinâmica das relações objetais do sujeito, e é uma ideia fundamental na obra lacaniana.

A primeira definição de repetição é tida da seguinte forma:

(1) a transferência é entendida como um fragmento de uma repetição; (2) a repetição seria a transferência de um passado esquecido; (3) esse passado esquecido aparece como ato (repetição) devido à magnitude da resistência. Desse modo, a tarefa da psicanálise seria a de atravessar o elemento da repetição, portanto, a resistência, e ir à elaboração (...) os sintomas neuróticos são resultado de um conflito, e que este [o sintoma] surge em virtude de um novo método de satisfazer a libido (Freud, 1917/2006, p. 361).

Lacan observa a relação entre repetição e rememoração em seu comentário sobre *Recorda, repetir e elaborar* (1914), mas isso ocorre até o limite real, ou seja, recordar seria como repetir em um ponto específico em que algum fator psiquicamente irrepresentável faria fracassar a tentativa de invocar uma memória que o próprio universo do sujeito não houvesse preenchido. Esse furo cria o universo subjetivo do

sujeito e faz com que algo que é dito nunca esteja finalizado, portanto, a rememoração seria uma construção feita a partir da remontagem de fragmentos mentais que, na realidade, resultam em uma passagem dos significantes; como resultado, pode-se concluir que a recordação é distinta do fenômeno da repetição.

Lacan ainda afirma que "nessa ocasião, eu lhes mostro que, nos textos de Freud, repetição não é reprodução. Jamais qualquer oscilação sobre este ponto, *Wiederholen* não é *Reproduzieren*. Reproduzir é o que se acreditava poder fazer no tempo das grandes experiências de catarse" (Lacan, 1988, p.52).

O autor propõe que a repetição não é uma mera reprodução. O que se buscava com a catarse é reprodução, em que a cena se reproduzia como uma cópia. A repetição é uma presentificação em ato, um ato tem sempre uma parte de estrutura, por dizer respeito a um "real que não é evidente" (Lacan, 1964/1998, p.52). Já Freud argumenta que nada pode ser pego nem destruído, a não ser de maneira simbólica, ou seja, se em um jogo de transferência não há um real, é necessário ser representado e assim tratado.

Segundo Lacan, a repetição está ligada ao objeto, a que retorna como o auto idêntico; este item é o que ficou de fora da lista dos significantes, mas é aí, nesse ponto e contexto, que ele gira; ele serve como motor da cadeia, fazendo-a se repetir.

A repetição envolve algo de que, por mais que se tente, não se consegue lembrar. O pensamento não consegue encontrá-lo: O que é isso? Isso é o que está excluído da cadeia significante, mas em torno de que cadeia gira. O analisando dá voltas e mais voltas numa tentativa de articular o que parece estar em questão, mas não consegue localizá-lo, a menos que o analista aponte o caminho. (Fink, 1997, p. 241).

A repetição, deste modo, não é uma simples repetição de eventos ou comportamentos passados, mas o retorno insistente de algo que não pode ser plenamente lembrado ou simbolizado — algo que escapa ao domínio do pensamento consciente. Ao afirmar que "a repetição envolve algo de que, por mais que se tente, não se consegue lembrar", o texto evidencia o caráter estruturalmente perdido de um elemento psíquico que resiste à simbolização. Esse "algo" é excluído da cadeia significante — ou seja, não se inscreve diretamente no discurso articulado, mas sua ausência é justamente o que organiza e impulsiona essa cadeia. É o "real" lacaniano: aquilo que está fora do

simbólico, mas que insiste, retorna, se impõe por seus efeitos, ainda que nunca possa ser plenamente nomeado.

O movimento circular do analisando — "dá voltas e mais voltas" — representa a tentativa constante de dar sentido ao que o angustia ou ao que retorna como sintoma. Porém, sem um ponto de apoio, esse esforço se torna infrutífero, pois o sujeito está aprisionado nos limites do próprio discurso. A função do analista, então, é crucial: não para fornecer respostas, mas para *apontar o caminho* — isto é, intervir de maneira precisa no discurso do paciente, produzindo deslocamentos e possibilitando que algo do inconsciente se revele de forma inédita. (Fink, 1997)

Lacan recorre ao livro da *Física* de Aristóteles e sua teoria da causalidade ao separar vertente real e a vertente simbólica da repetição.

De acordo com Ross (1923/1983) a causa aristotélica indica a condição necessária para a existência das coisas. Tudo que acontece tem um motivo e nada acontece sem uma movimentação ou mudança, Aristóteles fala sobre uma causa accidental, que vai ser algo excepcional, onde são divididas em *tiquê* e *autômaton* (ou a sorte e o acaso), são coisas que acontecem sem a compreensão e inteligência humana.

Tiquê está relacionada há algo oculto, uma divindade desconhecida, uma sorte que interfere no seu destino, sendo uma surpresa, acidente, ou de algo bom que acontece que só é reconhecido depois que passou. Um exemplo que Ross apresenta, um homem vai ao mercado e ‘por acaso’ encontra uma pessoa que estava te devendo exatamente a quantia que estava lhe faltando. Podemos ver a *tiquê* como uma sorte, mas conectada a necessidade. Já o *autômaton* é visto como o acaso, que acontece por si só, sem intervenções.

Lacan propõe pensar que a *tiquê* se refere ao real e o *autômaton* à insistência significativa. “O real está para além do *autômaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. O real é o que vige sempre por trás do *autômaton*.” (Lacan, 1964/1998, P. 56).

Existindo um real que atua na rede significativa, existe também a vertente do sintoma, onde resiste à decifração, sendo assim será repetida, A repetição ocorre entre o significativo e o real, o que se repete retorna ao mesmo lugar e traz algo do real. A repetição acontece como uma forma de contentamento, uma solução incompleta, porém

distingue o desejo do sujeito, mesclando a fantasia e o impossível, tentando conectar simbólico com o real.

O LABIRINTO DA TRANSFERÊNCIA

Em seus textos *Estudos sobre a histeria* (1893) e *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud trata a transferência a partir da perspectiva de um deslocamento do investimento no nível das representações psíquicas, mais do que como um componente da relação terapêutica. Mas adiantamos, essa concepção se transforma no decorrer da obra freudiana.

O historiador da psicanálise Renato Mezan (2013), em sua investigação sobre o conceito diz que “Na Psicoterapia da Histeria, ela surge como um dos principais obstáculos à cura, já que os elementos afetivos são transferidos para a pessoa do médico no momento em que conteúdos particularmente importantes ameaçam vir à tona”. (Mezan, 2013, p. 240).

Foi a partir do atendimento de um caso que Freud teve sua primeira experiência negativa do fenômeno da transferência. No caso conhecido como *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria* (1905[1901]), mais conhecido como o Caso Dora. Neste caso, Freud atesta que o analista de fato desempenha um importante papel na transferência do analisando ao reconhecer que uma falha na interpretação da transferência foi a razão da interrupção do tratamento, reconhecendo transferências como,

Novas edições ou fac-símiles dos impulsos despertados e tornados conscientes durante o progresso da análise [...] Toda uma série de experiências psicológicas é revivida, não como pertencentes ao passado, e sim como referindo-se à pessoa atual do médico. (Freud, 1905[1901]/1996, p. 116).

Essas experiências psicológicas revividas não aparecem como recordações distantes, mas são reexperimentadas no presente e atribuídas à figura do analista — que passa a ocupar, simbolicamente, o lugar de figuras significativas da história do sujeito (pais, cuidadores, irmãos, entre outros). Essa substituição não é consciente, mas estruturada pelo inconsciente, e é justamente o que permite o trabalho analítico: ao viver novamente esses afetos e conflitos com o analista, o sujeito tem a chance de confrontar, elaborar e ressignificar aspectos que antes estavam recalcados ou mal resolvidos.

Entretanto, essa revivescência não ocorre de forma neutra ou passiva. A transferência pode se manifestar de maneira positiva (com afeto, admiração) ou negativa (com resistência, hostilidade), e sempre carrega uma carga emocional intensa que precisa ser interpretada. O analista, nesse processo, não responde ao paciente com reações pessoais, mas mantém uma escuta técnica e ética, utilizando a transferência como instrumento clínico para acessar o inconsciente e promover transformações subjetivas.

Freud, em seu texto *A Dinâmica da Transferência* (1912), atribui à transferência como a resistência mais poderosa no tratamento. No decorrer do texto, diferencia três tipos de transferências: a transferência positiva, a transferência negativa e a transferência erótica. A transferência negativa é entendida como aquela que o paciente transfere sentimentos hostis em relação ao analista, sendo, por vezes, uma defesa que impede o estabelecimento de uma transferência positiva. A transferência erótica é aquela que o analisando transfere para o analista sentimentos eróticos, esse tipo de transferência, por vezes, traz uma perda de interesse do paciente pela análise, uma vez que sua energia libidinal é direcionada para o analista, ou melhor, pelo lugar que coloca a figura do analista em sua fantasia.

A transferência positiva, por sua vez, é aquela que transfere “sentimentos amistosos ou afetuosos, que são admissíveis à consciência, e a transferência de prolongamentos desses sentimentos no inconsciente” (Freud, 1912/1996, p. 116). Ou seja, está a serviço da análise, portanto, uma vez que proporciona o rebaixamento dos mecanismos de defesa – principalmente a resistência – e o sujeito fala mais sobre si, sobre suas angústias e dos seus sintomas sem a presença de fantasias sobre o analista que visam atrapalhar o atendimento e a progressão do paciente. Assim, a transferência é motor da análise e pode facilitar a elaboração dos traumas experienciados pelo paciente

Lacan (2008) oferece algumas reflexões sobre esse fenômeno conceito de maneira direta, mas não simplória; o paciente chega à clínica sofrendo de algo ainda desconhecido, e sua solicitação de tratamento se baseia em um princípio que o analista, a outra parte, conhece, em outras palavras, o paciente assume que o analista está ciente de seu sofrimento, essa então é a noção lacaniana de transferência, a do Sujeito Suposto Saber (SSS), e este, por sua vez, não é o analista, mas sim um lugar inconsciente que o analista ocupa, ou seja, o lugar do outro; ao procurar uma análise, assume-se que o

conhecimento está em algum lugar lá fora, essa possibilidade de presciência permite que o analista se coloque em uma melhor posição e controle o curso do tratamento (Lacan, 2008).

PULSÃO: O QUE REPETE ATÉ QUE SOBREVIVA O SUJEITO

Pulsão é a tradução da palavra alemã *Trieb*, mas alguns autores traduziram para instinto. São divididas em dois grupos: pulsão de autoconservação e as pulsões sexuais.

As pulsões sexuais são várias, porem uma não depende da outra, são independentes a princípio com a finalidade de prazer do órgão. As pulsões são processos dinâmicos, com impulsos que move o aparelho psíquico com a intenção de descarregar a tensão existente em uma fonte corporal, essa descarga constitui a finalidade da pulsão.

Freud escreveu na sua obra *Esboço de psicanálise* (1938), sobre as pulsões, o qual define que:

As forças que presumimos existir por detrás das tensões causadas pelas necessidades do id são chamadas instintos. Representam as exigências somáticas que são feitas à mente. Embora sejam a suprema causa de toda a atividade, elas são de natureza conservadora; o estado, seja qual for, que um organismo atingiu dá origem a uma tendência a restabelecer este estado assim que ele é abandonado. (Freud, 1938/2001, p. 15)

As pulsões são forças fundamentais que, segundo sua teoria, estão na origem de toda a atividade psíquica. Freud propõe que essas forças são responsáveis pelas tensões causadas pelas necessidades do *Id*, a parte mais primitiva e inconsciente da mente. As pulsões seriam, portanto, as energias básicas que movem o ser humano desde seus impulsos mais simples até suas ações mais complexas. Essas pulsões, de acordo com Freud, têm origem entre o psíquico e o somático, ou seja, nas exigências do corpo.

Apesar de seu papel central na atividade psíquica, Freud destaca uma característica interessante das pulsões: sua natureza conservadora. Em vez de buscar novidade ou progresso, as pulsões tendem a restabelecer estados anteriores de equilíbrio. Ou seja, sempre que o organismo sai de um estado de estabilidade, surge uma força que o impulsiona a retornar a ele. Essa ideia está diretamente relacionada à busca por

homeostase, ou equilíbrio interno, e ajuda a compreender comportamentos que, muitas vezes, visam mais à redução de tensões do que à conquista de algo novo. Essa concepção oferece uma visão profunda e paradoxal da natureza humana: somos movidos por forças internas que nos impulsionam constantemente, mas que, no fundo, anseiam por um estado de paz e estabilidade.

Por mais que esse trabalho traga separadamente os conceitos principais da psicanálise, esses conceitos se interligam, como é muito bem mencionado por Lacan (2008), no que diz respeito à transferência e à pulsão:

Se a transferência é o que da pulsão afasta a demanda, o desejo do analista é o que a reconduz a ela. [...] a transferência tende a se manifestar como uma pulsão, conseqüentemente expressar-se-ia como atos, repetição. Todavia, o desejo do analista – que de maneira nenhuma se trata da pessoa do analista, e sim da função do analista, como suporte para o desejo, o fazer desejar – é o que irá conduzir a transferência a uma demanda passível de ser posta em palavras. É o desejo do analista que permite efetuar um giro no discurso do sujeito, remetendo-o ao trabalho psicanalítico, que é, afinal, o amor ao saber: Faz com que os sintomas se dirijam a um interlocutor privilegiado (Lacan, 2008, p. 258).

A pulsão então, é mencionada por último, por ser a mais complexa de se compreender; o conceito de pulsão tem melhor forma como resultado da explicação de por que a intenção e a pulsão têm conceitos diferentes; o primeiro capítulo dos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* de Freud (1905/2006) é onde os dois diferem, pois ele apresenta a hipótese de que a sexualidade humana seria fundamentalmente desviante e polimorfa, ela se mostra de inúmeras maneiras, não apenas pela genitália ou pela união de um homem e uma mulher, como resultado, ela não é controlada pelo objetivo da reprodução, ou seja, pelo instinto, mas sim pelo prazer, que é a pulsão.

Lacan (2008), fala sobre o objeto específico da pulsão:

O objeto da pulsão deve ser situado no nível do que chamei de metaforicamente uma subjetivação acéfala, uma subjetivação sem sujeito, um osso, uma estrutura, um traçado que representa uma face da topologia. A outra face é que se faz com que um sujeito por suas relações com o significante, seja um sujeito furado. Esses furos, bem que eles vêm de alguma parte (Lacan, 2008, p. 180).

De modo que, a definição do objeto de Lacan é um objeto que causa desejo e se associa a outro objeto, e é formado pela jornada do desejo, ao contrário do instinto, cujo objeto é fixo e tende a ser capturado pela necessidade.

Não existe pulsão no singular e sim pulsões, as quais são quatro componentes: a pressão, o alvo, o objeto e a fonte. A pressão é algo latente, uma energia potencial, a força que se torna sua essência. Essa energia impulsiona a psique sendo ela o aparato. O alvo da pulsão é a satisfação completa, mas segundo Freud jamais será satisfeita, o máximo que pode ocorrer é uma satisfação parcial da pulsão. O objeto está ligado a pulsão, tornando possível a satisfação e depende da fantasia e do desejo do indivíduo e a fonte da pulsão será o interior do corpo. A pulsão vai estar em uma posição intermediária entre o corpo e a psique.

Freud na sua obra *Além do princípio de prazer* (1920/2006), postula a existência da pulsão de morte, o qual o sujeito vai em direção a morte e a autodestruição.

Essas pulsões não agem de forma isolada, trabalham sempre em conjunto segundo o princípio da conservação da vida. Lacan manteve o conceito de Freud, que “a distinção entre pulsão de vida e pulsão de morte é verdadeira, na medida em que manifesta dois aspectos da pulsão” (Lacan, 1964/1979, p.243) ou que “toda a pulsão é virtualmente pulsão de morte” (Lacan, 1960/1998, p.863).

Mas quem batiza a teoria de pulsão de morte não foi Freud e sim Federn que impõe uma perspectiva que não estava presente nas obras do fundador da psicanálise. Segundo Weiss (1953), Federn abraçou com entusiasmo o novo dualismo pulsional e nomeou de "mortido" a energia de investimento correspondente à pulsão de morte.

CONCLUSÃO, OU, MAIS AINDA...

A origem da psicanálise e seu entendimento, propicia uma melhor análise sobre seus conceitos, pois é possível analisar seu crescimento e de que forma é utilizada atualmente, já que a psicanálise tem um modo peculiar de ser tratado, já as contribuições lacanianas elevam essa discussão a desdobramentos importantes.

O modo de abordar dos quatro conceitos centrais da psicanálise por Lacan, em seu retorno a Freud, revela-se como um caminho para uma divulgação da psicanálise

mais detalhada e melhorada, pois ele procurou novas referências e novas formas de atuação. Outros autores fazem menção dessa similitude entre Freud e Lacan, como Guinsburg (2010), que propõe que A relação entre literatura e psicanálise sempre produziu diálogos ricos e multifacetados, como se observa na obra de Haroldo de Campos, um dos nomes centrais do concretismo brasileiro e da crítica literária experimental. O trecho destaca a aproximação entre o pensamento haroldiano e as ideias de Sigmund Freud e Jacques Lacan, uma relação que, embora não ocupe o cerne de sua produção intelectual, revela-se significativa em momentos pontuais e de grande densidade teórica.

Além dos ensaios, o diálogo com Jean Laplanche — figura essencial na releitura francesa de Freud — reforça o interesse de Campos em revisitar o pensamento psicanalítico a partir de perspectivas mais recentes e filosoficamente densas. Ainda que a psicanálise não tenha tido o mesmo peso em sua formação intelectual quanto autores como Walter Benjamin, Roman Jakobson, Ezra Pound e Mallarmé, Haroldo soube integrar as contribuições freudianas e lacanianas à sua constelação de referências, numa atitude descrita como “tentacular”. Assim, mais do que uma adesão sistemática a uma teoria, o que se observa é uma incorporação criativa e crítica, onde a psicanálise serve como lente, interlocutora e, em certos momentos, como ferramenta de expansão das próprias fronteiras da linguagem literária.

Ademais, foi discutido no transcurso do trabalho a diferença entre repetir e recordar, de modo que o conceito de repetição, do ponto de vista lacaniano, fica mais claro, por isso não se pode deixar de mencionar:

O que se repete, na concepção lacaniana, é o próprio furo na linguagem, sua transcendência original ao objeto em si; o que se repete, portanto, é a falta a ser, que faz mover os significantes dentro de uma cadeia associativa. A repetição, assim entendida, nos diz sobre sua capacidade de fazer funcionar o simbólico, de dar ao desejo seu mote original, de fazer do desejo motor da capacidade dos sujeitos de se conectarem e reconectarem a objetos. A alienação do sujeito na linguagem é o que se repete. É da impossibilidade de significar o desejo, de dar a ele um valor último, que faz do desejo algo que sempre retorna como furo a-significante, fazendo da coisa em si algo impossível de ser decodificado. (ALMEIDA & ATALLAH, 2008, p. 3).

Finaliza-se então a discussão, com o conceito de sujeito, o qual sintetiza a totalidade da teoria de Lacan, a qual foi alcançada neste trabalho. Diferentemente da ideia comum de "outro" como um sujeito externo, presente no campo visual ou relacional imediato, o grande Outro lacaniano não é apenas uma pessoa, mas uma instância simbólica: o lugar da linguagem, o espaço estruturado onde a fala adquire sentido. Lacan, desta feita, argumenta que o sujeito só pode se constituir como tal dentro

de uma rede simbólica previamente existente. Essa rede é representada pelo Outro, entendido como o sistema de significação social e linguística que antecede o indivíduo. Ao entrar na linguagem — isto é, ao tornar-se um ser falante — o sujeito se inscreve numa estrutura que já está dada, onde as palavras, os significados e as regras não são inventados por ele, mas herdados. Para Lacan (1995) o Outro, portanto, não é um indivíduo, mas o lugar de onde a palavra provém e para onde ela retorna.

Além disso, Lacan (1995) enfatiza que o Outro tem a capacidade de ouvir, interpretar e responder. Essa possibilidade de resposta é o que funda o sujeito como tal: não apenas alguém que fala, mas alguém que fala para um Outro que escuta — mesmo que esse Outro não esteja personificado em uma figura real. É nesse jogo de endereçamento e retorno, de fala e escuta, que o sujeito se constitui como sujeito do inconsciente, pois sua fala não é plenamente consciente nem autônoma, mas atravessada pelo desejo e pelas significações do Outro.

Conclusivamente, o grande Outro é mais do que um destinatário da fala; ele é o fundamento simbólico da linguagem e da subjetividade. Sem esse Outro — que representa a ordem simbólica, a cultura, a lei, o inconsciente — não haveria lugar para a constituição do sujeito nem para a possibilidade de comunicação significativa. Falar, portanto, é sempre falar a partir do Outro e em direção ao Outro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leonardo Pinto de; ATALLAH, Raul Marcel Filgueiras. O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica** [online]. 2008, v. 11, n. 2, pp. 203-218. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S151614982008000200003>>. Epub 18 Nov 2008. ISSN 1809-4414. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982008000200003>. Acesso em: 20 de agosto de 2022.

American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BREUER, J. & FREUD, S. Estudos sobre a Histeria. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Imago: Rio de Janeiro, 1893-1895/1996.

COIMBRA, Maria Lúcia Salvo de. O retorno a Freud de Lacan. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 29, n. 54, p. 29-36, set. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952007000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

FINK, B. A causa real da repetição. In: FELDSTEIN, R., FINK, B. & JAANUS, M. (orgs.). **Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 239- 245.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 4 e 5, 777p., 1990). Disponível em: <<https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-05-1900-1901.pdf>>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

FREUD, Sigmund. Fragmento da Análise de um Caso de Histeria. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. VII, pp.15-116). Rio de Janeiro: Imago, 1905 [1901]/1996.

FREUD, Sigmund. Dinâmica da Transferência. In: FREUD, S., **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. (Vol. XII, pp.109 -119). Rio de Janeiro: Imago, 1912/1996.

FREUD, Sigmund. **Os caminhos da formação dos sintomas**. In: S. Freud, Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 16, pp. 361-378). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2016. (Trabalho original publicado em 1917). Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-16-1915-1916.pdf>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

FREUD, Sigmund. **Uma breve descrição da Psicanálise**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol XIX, 1924/1996 p. 215-234.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. Edição Standard brasileira. Editora Imago. Rio de Janeiro: 2006.

FREUD, Sigmund. Esboço de psicanálise. Editora Imago. Rio de Janeiro: 2001.

GUINSBURG, J. “Entre a impressão e o inapreensível”. Entrevista realizada por Gênese Andrade. In: DICK, A. (Org.). **Signâncias: reflexões sobre Haroldo de Campos**. São Paulo: Risco Editorial, 2010. Pp. 116-146.

HARARI, A. Fundamentos da prática lacaniana: risco e corpo. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.47.2008.tde-26052009-075704. Acesso em: 28 out. 2018.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo, SP: Ícone, 2007. (Trabalho original publicado em 1781). Disponível em: <<https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2013/09/kant-critica-da-razao-pura.pdf>>. Acesso em: 16 de agosto de 2022.

LACAN, J. Radiophonie (1970). In: LACAN, J. *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. **A abertura da Seção Clínica**. In: *Opção Lacaniana*, 1977, nº 30, São Paulo, 2001.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4: A relação de objeto (1956-1957)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. Disponível em: <
<https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Jacques-Lacan-O-seminario-Livro-4-A-relacao-de-objeto.pdf>>. Acesso em: 23 de agosto de 2022.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985. (Trabalho original publicado em 1964). Disponível em:
<https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Jacques-Lacan-O-seminario-Livro-11-Os-quatro-conceitos-fundamentais-da-psicanalise.pdf>. Acesso em: 17 de agosto de 2022.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2009. Disponível em: <
<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2019/08/lacan-os-escritos-tecc81cnicos-de-freud-1953-1954-1996-zahar-1.pdf>>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

LECOURT, Dominique. **L'épistémologie historique de Gaston Bachelard**. Paris: J. Vrin, 1969. Disponível em: <https://books.openedition.org/psorbonne/39286>. Acesso em: 16 de agosto de 2022.

MASSON, J. M. **A correspondência completa de Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MEZAN, Renato. **Freud: a trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

NUNES, Tiago Ribeiro. **Lacan e a negatividade do desejo**. Psicologia USP, 26(3), 423-429. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140031>, 2015. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/pusp/a/K9xT7cRyvpV5KQm7wq5PqGb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 17 de agosto de 2022.

QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2012. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4851275/mod_resource/content/1/288261375-Antonio-Quinet-Os-Outros-Em-Lacan.pdf>. Acesso em: 16 de agosto de 2022.

WEISS, E. (1953) "Federn's Ego Psychology and its Application to goraphobia", in Journal of the American Psychoanalytic Association, v.1, Nova York, p.614-628.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica**. Porto Alegre: Artmed, 1999.